



Laboreal

Vol.21 Nº2 | 2025

Cuidar e Tratar : atividades e desafios do trabalho no campo da saúde

Mudanças no trabalho docente e a defesa coletiva da saúde em Portugal : o ponto de vista de professores em exercício de direção sindical

Cambios en el trabajo docente y la defensa colectiva de la salud en Portugal : el punto de vista de docentes en roles de liderazgo sindical

Changements dans le travail enseignant et défense collective de la santé au Portugal : le point de vue d'enseignants exerçant une fonction de direction syndicale

Changes in teaching work and the collective defence of health in Portugal: the point of view from teachers in union leadership roles

Katia Reis de Souza e Marta Santos



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/laboreal/24783>

DOI: 10.4000/15dzt

ISSN: 1646-5237

Editora

Universidade do Porto

Refêrencia eletrónica

Katia Reis de Souza e Marta Santos, «Mudanças no trabalho docente e a defesa coletiva da saúde em Portugal : o ponto de vista de professores em exercício de direção sindical», *Laboreal* [Online], Vol.21 Nº2 | 2025, posto online no dia 19 dezembro 2025, consultado o 07 janeiro 2026. URL: <http://journals.openedition.org/laboreal/24783> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/15dzt>

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 de janeiro de 2026.



The text only may be used under licence CC BY-NC 4.0. All other elements (illustrations, imported files) may be subject to specific use terms.

Mudanças no trabalho docente e a defesa coletiva da saúde em Portugal : o ponto de vista de professores em exercício de direção sindical

Cambios en el trabajo docente y la defensa colectiva de la salud en Portugal : el punto de vista de docentes en roles de liderazgo sindical

Changements dans le travail enseignant et défense collective de la santé au Portugal : le point de vue d'enseignants exerçant une fonction de direction syndicale

Changes in teaching work and the collective defence of health in Portugal: the point of view from teachers in union leadership roles

Katia Reis de Souza e Marta Santos

NOTA DO EDITOR

Manuscrito recebido em : 09/02/2025

Aceite após peritagem : 14/11/2025

NOTA DO AUTOR

Autora correspondente : Katia Reis de Souza

Declaração de contribuição das autoras : Conceptualização, Desenho e desenvolvimento da metodologia, Análise dos dados : Katia Reis de Souza e Marta Santos ; Preparação da

versão inicial do manuscrito : Katia Reis de Souza ; Edição e revisão da versão final do manuscrito : Katia Reis de Souza e Marta Santos ; Supervisão : Marta Santos.

1. Introdução

- 1 Nas últimas cinco décadas, o mundo do trabalho passou por transformações profundas e de forma acelerada. Não se constitui tarefa fácil qualificar tais mudanças, entretanto algumas se destacam por serem consensuais na literatura crítica corrente e são passíveis de observação na realidade em diferentes processos de trabalho. Dentre elas, ganham ênfase as transformações tecnológicas e a chamada flexibilização do trabalho que se relacionam, em última análise, com a hegemonia do capitalismo de natureza neoliberal (Antunes, 2018 ; Filgueiras, 2021 ; Harvey, 2016). De acordo com Filgueiras (2021), as grandes mudanças no mundo do trabalho constituem-se como ferramentas do capital e suscitam, entre outras questões, a precarização social do trabalho e da vida, assim como o enfraquecimento das ações coletivas de trabalhadores.
- 2 No plano histórico, a passagem para o século XXI foi marcada por novas relações sociais de produção, dispersão política dos coletivos de trabalho e adaptação individualizada dos trabalhadores às novas exigências do capital (Antunes, 2018). Segundo Filgueiras (2021) a hegemonia laboral de cunho empresarial preconiza que “é preciso se adaptar às novas relações de trabalho” (Filgueiras, 2021, p. 36). Observa-se uma narrativa predominante na qual se destaca a ideia da necessidade permanente de mudanças e inovações, impondo adaptações de cariz gerencialista ao trabalhador. Nesse cenário, o papel dos sindicatos tem também se transformado, haja vista que, no ideário corporativo, devem ser conciliadores, evitando confrontos, sob a ameaça permanente de desemprego (Filgueiras, 2021).
- 3 No que diz respeito à flexibilização do trabalho, ganham destaque mudanças que resultam em intensificação das jornadas laborais e na ampliação da precarização do trabalho com novas formas de dominação e subordinação, como a terceirização e o trabalho por plataformas (Antunes, 2018). Por outro lado, sobressaem ações, como aquelas empreendidas por sindicatos docentes, que questionam e lutam pelo direito à desconexão do trabalho e pelo reconhecimento remunerado da hora tecnológica, ou seja, atividades de professores realizadas por meio do uso de tecnologia da informação e comunicação, como plataformas educacionais, fora do horário contratual de trabalho (Souza *et al.*, 2022). Sindicatos de países como a França já conquistaram o direito à desconexão do trabalho por meio de legislação específica que reserva ao trabalhador a escolha por desligar ou não responder demandas fora do horário contratual de trabalho. Em última análise, trata-se da luta pelo tempo livre como um direito à saúde dos trabalhadores, conquista de caráter civilizatório desde o século XIX pelos movimentos operários (Besancenot & Löwy, 2021). A concepção crítica de tempo emancipado é procedente das observações do próprio Marx (2011), e perdura ainda hoje como questão para os movimentos sociais que buscam observar as condições objetivas de trabalho como parâmetro para encaminhar formas de resistência coletiva, opondo-se ao mais-trabalho.
- 4 Importa considerar, ainda, que se vive o contexto posterior à pandemia do Coronavírus, caracterizado pela exacerbação nas formas de dominação tecnológica do trabalho no capitalismo global (Harvey, 2016). Mesmo com o decreto do fim da pandemia, fixado

pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no mês de maio de 2023, percebem-se mudanças laborais importantes ocorridas em diferentes processos de trabalho, com adaptações que precisam ser analisadas pela ótica dos trabalhadores. O ponto de destaque, neste estudo, refere-se ao fato de que a própria pandemia gerou exigências sucessivas de adaptações no trabalho docente com consequências coletivas para a saúde, mas com déficit de novos estudos.

- 5 No que tange especificamente às escolas em Portugal, verifica-se o aprofundamento da degradação das condições de trabalho e da sobrecarga laboral que ocorrem num contexto de expansão de envelhecimento do corpo docente. De acordo com a Federação Nacional dos Professores Portugueses, caso não sejam tomadas medidas de fundo que tornem a docência novamente atrativa não se evitará a explosão do problema, face aos 50 mil professores dos quadros que se aposentarão até 2030 (FENPROF, 2022). Por certo, torna-se capital atrair para a profissão os muitos professores profissionalizados que a abandonaram nos últimos 15 anos e os jovens para a realização de cursos de formação inicial docente. A FENPROF (2022) assegura que o sistema de ensino português enfrenta numerosas alterações ao longo dos anos, mas com medidas tomadas sem a participação dos coletivos docentes.
- 6 Em termos estruturais, é preciso identificar, continuamente, as formas específicas de mudanças e adaptação do trabalho e suas repercussões na saúde. Percebe-se tensão entre dominação e resistência, mudanças e adaptações no trabalho em escolas portuguesas. As formas de defesa coletiva dos trabalhadores e de suas organizações precisam ser melhor compreendidas pelo prisma de quem as vivenciam de fato.
- 7 Destarte, o objetivo principal deste estudo consiste em analisar mudanças ocorridas no trabalho e na saúde de professores da educação básica, bem como as formas de defesa coletiva da saúde, com foco no período da pandemia e pós-pandemia, na visão de professores em exercício de direção sindical em Portugal.
- 8 No plano teórico, defende-se a tese de que mudanças permanentes no trabalho são componentes estruturais do capitalismo e exigem, continuamente, formas de adaptação laboral, tornando os trabalhadores mais vulneráveis no que se refere a relação entre experiência no trabalho e saúde (Laurell & Noriega, 1989). Por seu turno, trabalhadores e suas organizações empreendem ações de resistência que são consideradas formas de defesa coletiva de saúde. No plano empírico, essas questões serão aqui analisadas em diálogo com professores em exercício de direção sindical.

2. Metodologia e procedimentos de pesquisa

- 9 Trata-se de uma pesquisa social de natureza qualitativa que adotou como principal estratégia de investigação a realização de entrevistas individuais. Elegeu-se o Sindicato dos Professores do Norte de Portugal (SPN) como campo de estudo. O SPN consiste em uma associação sindical representativa de educadores do ensino básico, secundário e superior. A escolha pelo SPN deveu-se à acessibilidade aos seus membros em função da localização geográfica, considerando que a sede está situada na cidade do Porto, próxima à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP).
- 10 Quanto ao critério de escolha dos docentes participantes do estudo, foi pertencer à direção do SPN no distrito do Porto na gestão referente ao triênio 2021-2024. Além

disso, optou-se por entrevistar professores do ensino básico em atividade sindical. Foram entrevistados cinco diretores pertencentes ao distrito-sede (e não de distritos do interior), devido, também, à limitação temporal para a realização da pesquisa.

- 11 No que concerne à inserção no campo de estudo, em primeiro plano, enviou-se carta digital para o e-mail oficial do SPN, localizado no website (público) do próprio sindicato, solicitando permissão e formalizando convite para participação do sindicato e de seus membros na pesquisa. Adicionalmente, realizou-se uma ida presencial à sede, a qual possibilitou esclarecimento e divulgação da pesquisa. Nessa primeira ida ao sindicato, o atendimento foi realizado por uma dirigente que estava de plantão e que viria a ser a primeira entrevistada. Em seguida, houve uma resposta por escrito ao convite enviado por e-mail, por parte de outra dirigente sindical. Essas duas entrevistas abriram, com facilidade, a marcação das demais entrevistas para se alcançar o total de cinco participantes, previstos no projeto de estudo. Desse modo, os participantes foram incluídos no estudo por meio da adoção das estratégias do envio do convite formal e mais a comunicação e o diálogo direto com os dirigentes sindicais. Daí ocorreram indicações sucessivas para atingirmos o número final de cinco professores participantes, à semelhança do preconizado pela técnica “Bola de Neve” (Vinuto, 2014). De acordo com essa vertente, os participantes são considerados informantes-chaves e chamados de “sementes”, pois contribuem para localizar outras pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, em geral, a partir de sua própria rede pessoal.
- 12 No tocante ao período e duração das entrevistas com os cinco sindicalistas participantes do estudo, foram realizadas durante o mês de outubro de 2023 e cada entrevista levou em média 1 hora e trinta minutos. Quanto ao perfil dos participantes, constitui-se por três docentes do sexo feminino e dois do masculino, com idades entre 50 e 70 anos. Os participantes da pesquisa possuem licenciatura e graduação em áreas diferentes, tais como matemática, línguas, literatura e antropologia. A maior titulação oscilou entre pós-graduação (1), mestrado (3) e doutorado (1). Importa considerar que os cinco participantes possuem vínculo de trabalho estável e efetivo na educação pública. No que diz respeito ao tempo de dedicação ao magistério, o menor consiste em 27 anos e o maior 37 anos. Já no que concerne ao tempo dedicado à direção do SPN, verificou-se o período entre 7 e 34 anos, sendo que somente uma entrevistada encontrava-se em licença de afastamento para atividade sindical.
- 13 Todas as entrevistas foram agendadas e realizadas nas dependências do próprio sindicato em horário previamente combinado em respeito à agenda de trabalho e da militância sindical dos professores. O diálogo com professores se processou tomando por base um roteiro de pesquisa semiestruturado, que se caracteriza por um roteiro com pequeno número de perguntas abertas. Assim, realizou-se a recolha de dados por meio de quatro questões centrais :
 - Fale-me da sua experiência no exercício de direção sindical, antes, durante e depois da pandemia em relação às mudanças no trabalho de professores.
 - Como você percebe, como dirigente sindical, o retorno ao trabalho presencial nas escolas e quais as principais repercussões à saúde ?
 - Conte-me a respeito das lutas empreendidas nos três últimos anos pelo SPN ?
 - Fale-me sobre a sua história e possibilidades de futuro para a luta pela defesa da educação pública e pelas condições de trabalho e saúde de professores em Portugal.

- 14 Como técnica para coleta de dados, a entrevista com perguntas semiestruturadas estimula a espontaneidade do entrevistado em lugar de direcioná-la, permitindo que os participantes da pesquisa falem livremente.
- 15 Com as transcrições das entrevistas, obteve-se a construção do corpus de investigação e análise. No que diz respeito à análise categórica do material, foi efetuada por meio da análise do discurso (AD). Para Gill (2021), a AD pode ser definida como sendo, essencialmente, uma interpretação fundamentada em argumentação e atenção cuidadosa ao material que está sendo analisado. Do ponto de vista epistemológico, enfatiza-se que o discurso é uma forma de ação e, portanto, a AD preocupa-se com o discurso em si mesmo. De acordo com a autora, a AD não procura identificar processos universais, pois considera que os discursos são circunstanciais e construídos a partir de recursos interpretativos particulares e em contextos específicos. Portanto, do ponto de vista operacional, a AD efetua-se pela exegese textual buscando, primeiramente, um padrão dos dados, de onde podem ser extraídas as categorias principais do estudo. Isto exige sucessivas leituras das transcrições dos materiais que compõe o corpus de pesquisa até que nos familiarizemos com eles e estabeleçamos categorias de relevância para o estudo.
- 16 Destarte, tomando por base os materiais transcritos procedentes das entrevistas constituíram-se categorias temáticas por meio da classificação de excertos por critério de similaridade, frequência e relevância em relação ao objetivo do estudo, o que possibilitou a identificação dos temas principais para análise e interpretação (Gill, 2021), sendo eles : O “Desnorte” do trabalho docente durante e depois da pandemia ; Mudanças na gestão das escolas e nos processos de trabalho docente ; Saúde mental e dilemas do envelhecimento coletivo ; Mudanças históricas na educação : democracia e participação política ; A pedagogia sindical da resistência e principais lutas em andamento.
- 17 Para proteção da identidade dos professores entrevistados, foi definido um código alfanumérico simples que combina a letra P (Professor), seguida da letra H, quando for do sexo masculino e M para as mulheres. Quanto à numeração, usou-se a escala de 1 a 5, referindo-se à ordem cronológica de realização das entrevistas.
- 18 No tocante ao aspecto ético, obteve-se a aprovação da comissão de ética da FPCEUP com o parecer Ref.^a 2023/07-07.

3. Resultados e Discussão

3.1. O “Desnorte” do trabalho docente durante e depois da pandemia

- 19 Nas entrevistas, os sindicalistas foram questionados a respeito das mudanças ocorridas no processo de trabalho docente durante e depois do período pandêmico, um dos focos principais de investigação. Nas respostas, destacaram-se impasses na adoção de novas modalidades de educação tecnológica como parte do trabalho docente, tais como o ensino híbrido e o ensino remoto.

“(…) é um desnorte, portanto perdemos o norte, que significa claramente, em dado momento, os referentes habituais deixam de existir. Portanto, o lugar, o espaço não é o mesmo (...) implica ali uma sensação de confusão e de (...) termos que andar a procura de novos referentes, para nos orientarmos no trabalho (...), mas toda a

gente passou por essa necessidade de se reajustar, e isso em si implica crescimentos, implica mudanças, em alguns casos implica também na saúde, claramente” (PM2)

“A pandemia obrigou que as pessoas transformassem bastante a sua forma de trabalhar nas escolas : o computador que ainda era uma realidade pouco usada passou a ter que ser quase imposta, foi imposta. E teve, obrigatoriamente, durante a pandemia, que funcionar [...] consoante os meios que cada escola tinha [...] portanto, foram contextos muito difíceis, e que obrigaram uma adaptação dos professores, que eu acho que se saíram lindamente nesse aspecto” (PM3)

“Eu dei formação à distância, incrível. Há gente que nunca tinha usado o Zoom, o Teams, o Google, o Meet. Ninguém sabia o que isso era, e eu ensinei as pessoas, professores, a usarem. E instalamos, fizemos, e eu estava convencido que aquilo estava a resultar com os alunos” (PH4)

- 20 Percebe-se uma ambiguidade no que diz respeito ao uso de tecnologias digitais na educação em Portugal. Pois, se de um lado, antes mesmo da pandemia, adotavam-se suportes digitais para a burocracia do trabalho do professor, por outro lado, os entrevistados chamaram a atenção para a falta de qualificação do professor de modo a atuarem com as tecnologias como parte do processo de trabalho.
- 21 Por certo, um importante aspeto a ser considerado em relação às mudanças e adaptações do trabalho refere-se à obsolescência da experiência e saberes do trabalho, suscitada pelas constantes inovações, principalmente, de natureza tecnológica que não são acompanhadas de formação adequada ou da participação dos trabalhadores na gestão dessas alterações. No que concerne especificamente ao trabalho de professores, deve-se ressaltar a experiência como “artesanía”, como processo contínuo de criatividade e aperfeiçoamento da própria atividade, conforme a aceção de Sennett (2012), na qual a experiência pode ser descrita como ações que requerem habilidades e sensibilidades. Sennett (2012) problematiza o valor da experiência em tal profundidade que a certa altura de sua obra a considera como o próprio ofício, ou seja, “o valor da experiência entendida como ofício” (p. 322). Assim, o ofício e a artesanía do trabalho do professor podem ser considerados verdadeiramente como arte, pois são determinados por fatores subjetivos, orgânicos, sociais e políticos. Quanto a este último ponto, ou seja, o político, o autor ressalta a democracia como exigência capital para desenvolvimento da criatividade e capacidades básicas como “especificar, questionar e abrir”, isto é, as mudanças devem passar por processos de validação crítica e reflexiva. Desse modo, as mudanças também deveriam ser moldadas pelo saber e conhecimentos dos trabalhadores de sorte a não suscitarem adoecimentos e mal-estar no trabalho (p. 324). Nessa linha de pensamento, valoriza-se o trabalho coletivo, lentas revisões e a desconfiança em soluções rápidas, o que se encontra em contradição com um mundo acelerado, no qual tudo é volátil, efêmero e provisório. Em resumo, na obra de Sennett, na qual diferentes tradições filosóficas são analisadas, ganha ênfase o valor da experiência do trabalho coletivo sob a égide de relações democráticas.
- 22 Parece correto afirmar que a forma de se reaver o “norte” do trabalho coletivo, para superação do “desnorte” mencionado por PM2, foi adotar os próprios referenciais do trabalho presencial do professor. No estudo de Souza et al. (2022), os autores afirmam que as mudanças e adaptações no trabalho docente requeridas pelo contexto de pandemia contaram, na maioria dos casos, com a própria experiência e prática docente em sua forma presencial. Contudo, no retorno presencial ao trabalho em escolas sentem-se os rescaldos de um período de uso intenso das tecnologias digitais e dúvidas a respeito de como será a nova configuração do processo de trabalho docente.

“Em 2022 é que a coisa acabou por ser diferente (...) em setembro de 22 voltou-se ao normal, sendo que ninguém sabe muito bem o que é o normal” (PH5)

“Abriu-se realmente aqui uma porta, (...) porque os fundos comunitários que estão a chegar ao país tem muito a ver com a digitalização e houve aqui um apressar da necessidade de formação digital (...) e o que nós verificamos é que estamos num período de avaliação e de ambivalência (...) o que temos efetivamente é uma grande consciência de que este sistema pode ser um sistema híbrido (...) porque as crianças e os jovens hoje são diferentes (...) e nós estamos precisamente numa fase de avaliação, do que será a quantidade e a proporção do que é digital e do que é fundamental existir numa aula, (...) Estamos num período de transição sem dúvida, mas há muito poucas certezas absolutas” (PM1)

“Porque ensinar é muito mais do que transmitir conhecimento, é uma relação que se estabelece entre as pessoas, afetiva. E essa relação faz toda a diferença na aprendizagem. O computador não tem isso, aquele distanciamento [físico], e isso na relação pedagógica é fundamental” (PM3)

- 23 Nas entrevistas, os sindicalistas observaram que a questão da inovação tecnológica no campo da educação pública configura-se, atualmente, por um período de transição nos modelos de ensino, provavelmente do presencial para uma modalidade híbrida de formação, mas com “muito poucas certezas absolutas” (PM1). Essa análise é partilhada por diferentes educadores, notadamente em contexto de pós-pandemia (Nóvoa, 2020). Por certo, o período de retorno para atividades presenciais não se constituiu como um retorno ao “normal”, conforme assegura o professor entrevistado PH5.
- 24 Importa considerar que o acesso às tecnologias digitais se relaciona, também, com a questão das desigualdades sociais, pois a inclusão tecnológica diz respeito à inclusão social e educacional. Interpreta-se que o suporte oferecido pela União Europeia por meio de fundos comunitários (mencionados por PM1), se orienta no sentido de tentar corrigir assimetrias sociais entre países da Europa, assim como atende aos interesses relacionados à expansão do mercado das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). A plataformação da educação com a adoção de artefatos digitais diz respeito, também, a uma opção educacional de natureza política, considerando que as principais plataformas e softwares (como o sistema Zoom, Google Meet, entre outros) são propriedade de conglomerados financeiros e de organizações privadas prestadoras de serviços. Essas plataformas e aplicativos foram concebidos para sessões de videoconferência com vistas à realização de encontros corporativos. De acordo com Souza et al. (2022) a área da educação pública deveria pensar no desenvolvimento de plataformas públicas próprias, por meio de debate com os próprios docentes, de modo que se incorpore o conhecimento e a experiência do trabalho de professores para a construção de sistemas digitais adequados ao contexto pedagógico cooperativo e solidário com configurações que propiciem a interação e a valorização do diálogo em circularidade. Por certo, esse constitui um desafio de países de todos os blocos continentais.
- 25 A título de ilustração, no website da Unesco (2024) para América Latina e Caribe, afirma-se, igualmente, a tendência dos países desse continente ao ensino híbrido, impulsionada pela emergência sanitária, mas que ainda se encontram em estágio incipiente e experimental. No tocante à formação tecnológica docente, afirma-se que a implementação de novos formatos ainda está em processo de ensaios, como a capacitação situada e a formação de comunidades de práticas escolares. Os desafios são muitos, entre eles a combinação do desenvolvimento de instrumentos e ferramentas telemáticas com modelos de educação crítica. No site (Unesco, 2024), afirma-se a

necessidade de que portais educacionais públicos sejam melhor investigados no que diz respeito aos resultados obtidos na aprendizagem escolar.

- 26 Sem dúvida, a temática alusiva às TICs na educação é complexa e demanda debates democráticos com a participação dos sindicatos docentes. Em Portugal, observa-se que essa questão se relaciona, ainda, com pontos nevrálgicos como mudanças específicas ocorridas na gestão da educação e nos processos de trabalho de professores.

3.2. Mudanças na gestão das escolas e nos processos de trabalho docente

- 27 No decurso das entrevistas, os sindicalistas observaram importantes mudanças nos tipos de gestão empreendidas em escolas portuguesas e suas consequências nos processos de trabalho docente, antes mesmo da pandemia.

“O trabalho que é feito, é um trabalho que ao longo dos anos mudou, sobretudo, devido à alteração do modelo de gestão das escolas, que deixou de ser um modelo de gestão democrático, em que o diretor era escolhido pelos seus pares, e passou a ser um modelo de gestão diferente ; uma gestão unipessoal, por candidatura do diretor, por referência, por perfil, por carreira. Portanto, nós hoje temos (...) escolas, onde o diretor não é um professor, é um gestor. Portanto é alguém que não foi professor antes” (PM1)

“Ah... outra coisa que também lutamos muito, mas não conseguimos – é uma das grandes frustrações que eu tenho, enquanto sindicalista – foi o modelo de gestão das escolas. Nós tínhamos um modelo que era democrático, tínhamos equipes eleitas pelos professores que governavam a escola. Portanto, nós é que escolhíamos entre nós aqueles que entendíamos que tinham capacidade de estar e que podiam levar a forma democrática às escolas (...) foram retrocessos completos (...) e até fizemos um panfleto a dizer : Acabou ! A democracia morreu nas escolas !” (PM3)

“Nós aqui chamamos de funcionalização, quer dizer, o professor deixa de ser um intelectual, pensante, gestor, passa a ser funcionário” (PH5)

- 28 Entre os anos de 2005 e 2009, houve a introdução no sistema de ensino português de um conjunto de mudanças alusivas ao modelo de gestão nas escolas. Por meio do Decreto-Lei n.º 75/2008, configurou-se um padrão de gestão centralizada considerado por parte do governo como processo de inovações legais e de modernização da administração pública. Para Veloso et al. (2012), os processos de coordenação e controle dos sistemas educativos por parte das autoridades públicas em Portugal adotaram claramente mecanismos inerentes a uma regulação de natureza burocrática, centralizadora e sob a racionalidade de mercado. De acordo com os mesmos autores, a tentativa de controlar o trabalho profissional através da supervisão direta, da estandardização dos processos de trabalho ou da estandardização de produtos, levou à centralização e à burocratização da estrutura educacional. Nessa vertente, as escolas são vistas como organizações em perspectiva neoliberal.
- 29 O estudo de Carvalho (2012), a respeito da mudança de gestão em escolas públicas portuguesas, destaca o sentido de democracia que se expressa nos relatos de professores, segundo o qual a ideia de participação compreende influenciar, diretamente, os processos de tomada de decisão e os modos como o trabalho coletivo se realiza. Segundo a mesma autora, a participação dos atores na organização escolar evidencia uma maneira de resistência aos ditames da ideologia neoliberal que insiste em formas de gestão para a manipulação e o controle.

- 30 Na interpretação dos sindicalistas entrevistados, houve uma mudança significativa na educação em Portugal consubstanciada no modo de eleição indireta para a escolha do diretor. De acordo com Freire (2017), não é possível realizar uma educação democrática numa estrutura discricionária, sendo, portanto, capital a modificação dos mecanismos estruturais e institucionais antidemocráticos nas escolas. É necessário ampliar os espaços de participação e tensionar, na prática, formas antidemocráticas de governança nos locais de trabalho. Nessa linha de interpretação parece correto afirmar que supostas linhas divisórias entre opressão e resistência, poder e inação continuam a ser produzidas e reproduzidas no curso da história.
- 31 Vale ainda problematizar o excerto do entrevistado (PH5) referente ao importante papel de intelectual que o professor perdeu ao se anular, por meio das novas políticas de teor burocrático de gestão em escolas, a possibilidade de ser intelectual e mais gestor com experiência pedagógica e educacional. Gramsci (2004) assegura que é precisamente nas escolas que se busca aprofundar e ampliar a “intelectualidade” de cada pessoa (p. 19), o que inclui a vida em estruturas democráticas. Interpreta-se que existe uma disputa pela hegemonia no âmbito das instituições de Estado. De um lado, intelectuais como prepostos do grupo dominante e de outro, intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, em geral organizados em sindicatos. A denominada “funcionalização” (entrevistado PH5) sugere o sentido de subordinação e desvalorização da experiência docente que sucumbe à burocratização. Ademais, espelha perdas importantes, tal qual a diminuição da autonomia dos professores e da participação nos processos de tomada de decisão sobre os rumos das escolas a partir de saberes advindos da experiência laboral na educação.
- 32 Importa considerar que os sindicatos de professores não foram convocados para integrar a construção da nova configuração das escolas portuguesas, o que ressalta ainda mais uma inclinação para o enfoque de gestão antidemocrática por parte da burocracia do Ministério. Assim, na visão dos entrevistados, o declínio da gestão democrática e a prevalência da gestão de caráter burocrático em escolas públicas parecem configurar faces do mesmo problema.
- “Então, o que acontece nos últimos anos, é que uma grande parte do tempo individual de trabalho de um professor, é passado precisamente a preencher aquilo que nós chamamos ‘as grades de verificação’, de uma série de procedimentos, que vão desde tarefas nitidamente burocráticas. Por exemplo, (...) dados de saúde; preenchimento de questionários quando se detecta algum tipo de dificuldade de aprendizagem do aluno; questionários que vêm mesmo de um médico (...). Portanto, há todo um conjunto de atividades que poderiam e que até alguns anos atrás eram atividades administrativas” (PM1)
- “(...) é pedido aos professores muita coisa burocrática no digital, que metem ali nas plataformas... isto, e mais isto, e mais isto. Isso desgasta as pessoas, isso altera a saúde das pessoas” (PM3)
- “(...) mas eu tenho muitas dúvidas de que isso, de fato, seja trabalho e não seja outra coisa qualquer, que é um desperdício. Porque se fosse trabalho, e isso resultasse em melhores aprendizagens dos alunos, eu até dizia : “Ok, faz parte da profissão”, mas está a resultar ? Eu não tenho certeza que esteja, uma parte do que fazemos não tem consequência nenhuma pedagógica” (PH4)
- 33 O trabalho burocrático incorporado como parte do processo de trabalho do professor suscita estranhamentos que podem ser interpretados, com Carvalho (2012), como forma de alienação laboral docente. Nesse sentido, a burocracia torna-se força alienante e impedimento à realização de processos de trabalho conectados com o conhecimento

pedagógico do professor, construído por meio da experiência e da inteligência coletiva (Carvalho, 2012).

- 34 E, de fato, a alienação do trabalho parece ser outro importante aspecto de modalidades de gestão que não incorporam o conhecimento do trabalhador como parte da governança do trabalho. Neste ponto, cabe destacar o conceito de alienação que é dado por Marx (2011), segundo o qual indivíduos, grupos, ou instituições se tornam alheios e estranhos aos resultados e produtos de sua própria atividade. Nessa linhagem filosófica, interpreta-se que a reflexão sobre a alienação pode ser um apelo em favor da modificação das estruturas que oprimem e geram os estranhamentos em favor da crítica coletiva e novas relações para a desalienação laboral.
- 35 O estudo de Pereira (2009), a respeito de dinâmicas de poder e de lógicas de sobrevivência da identidade docente dentro do campo da ciberadministração educacional, evidencia sobrecarga de trabalho e as dificuldades de adaptação de professores ao trabalho digital. O autor chama atenção para o fato de que o trabalho de natureza telemática engendra uma espécie de "ditadura velada", uma vigilância permanente sobre os professores : “é tudo censurado. Eles efetivamente sabem as coisas todas. Dou um exemplo recente. Tivemos que dar informações sobre a greve. Tivemos que dizer à escola o número de professores que fizeram greve e quantas escolas é que fechamos” (Pereira, 2009, p. 291).
- 36 Complementarmente, o estudo de Meira (2019) identifica o papel desempenhado pelas plataformas eletrônicas utilizadas pela administração educativa em Portugal, e que resulta na intensificação da burocracia no trabalho docente. Para a autora (Meira, 2019), os dispositivos digitais têm adquirido papel central no âmbito da governança contemporânea na educação por meio de plataformas de responsabilidade do Ministério da Educação. Trata-se de um tema muito controverso e que exige aprofundamento com novos estudos, considerando que a governança por meio eletrônico e o teletrabalho são, há pelo menos uma década em Portugal, imagens cada vez mais comuns. Observou-se que a burocratização e a funcionalização dos docentes, foi exacerbada e legitimada com as ferramentas digitais introduzidas durante a pandemia de Covid. O trabalho feito à distância foi uma forma de reforçar modelos de gestão que já existiam, mas que passaram a ter outras ferramentas que os legitimam. De fato, esse cenário se ampliou em período pandêmico e em um contexto de envelhecimento e de falta de professores, com consequências coletivas na saúde.

3.3. Saúde mental e dilemas do envelhecimento coletivo

- 37 Nas entrevistas, os sindicalistas destacaram como grave o problema da saúde mental e do envelhecimento da categoria em Portugal, assim como a baixa adesão das novas gerações à carreira de professor.

“O professor é muitas vezes uma espécie de um ator, num palco, com um público de 20 e tal alunos, que muitas vezes (...) de 50 em 50 minutos, muda o palco, muda a aula, muda o público. E nem todos os professores têm a mesma capacidade de se adaptar (...) em 5 minutos se refazer da aula anterior (...) e este desgaste não é só um desgaste físico, mas, sobretudo, um desgaste intelectual e emocional, que provoca muitas vezes (...) doença mental, sem dúvida” (PM1)

“(...) temos muitos professores, hoje, no sistema muito... completamente em *burnout*. Muitos com baixas médicas, muitos a estar na sala, mas sabendo nós que eles não deviam estar ali, eles já deviam estar a descansar” (PM3)

“(...) eu também acho que esta profissão é muito *sui generis*, é uma profissão que se recusa a penalizar as crianças. Fala, fala, mas depois no fundo dá tudo o que tem (...), mas é uma profissão que se recusa e pronto, e muitas vezes (...) tem *burnout* (...) implode pra dentro” (PH5)

- 38 Na visão dos sindicalistas, o desgaste procedente do labor docente possui consequências na saúde mental, ou seja, o adoecimento do professor toma corpo na própria atividade de trabalho. Distinguem-se na interpretação dos entrevistados observações relativas à Síndrome de *Burnout*. Com Hoffmann et al. (2019), entende-se que o fator de esgotamento profissional, como fator de avaliação das vivências de sofrimento no trabalho, reflete situações de frustração, insegurança, sobrecarga e “estresse” no contexto laboral. Vale lembrar de perturbações do sono, como insônia ou sono que não é reparador.
- 39 Quanto aos estudos levados a termo por sindicatos docentes portugueses, é digno de menção o estudo sobre “As condições de vida e trabalho na educação em Portugal” com a liderança da FENPROF, cujos resultados foram divulgados em uma edição especial do Jornal da FENPROF (FENPROF, 2018), intitulada “Desgaste na profissão docente : *burnout*”. Esse estudo pautou-se pelos dados provenientes da aplicação de um inquérito de proporções nacionais em professores. Nele, são destacados os números alusivos ao *burnout*, chamando atenção que 76,4 % dos professores portugueses apresentam sinais de esgotamento emocional. Nas análises, há a assertiva segundo a qual “a luta pela democratização da educação tornou-se indissociável da luta pelas condições de trabalho dos docentes” (p. 80). A ideia central levada a termo no estudo questiona o *ethos* capitalista e seus nexos com a educação, ressaltando a agenda neoconservadora e novas formas de opressão e submissão laboral docente. Ao fim, afirma-se que o “*burnout* é uma doença sócio-profissional, gerada por uma organização sócio-profissional patogênica” (FENPROF, 2018, p. 91).
- 40 No tocante especificamente ao processo de trabalho docente, convém ter presente a centralidade do conteúdo emocional das tarefas, pois se trata de uma atividade que estabelece laços e relações afetivas. Todavia, se por um lado, o conteúdo emocional e afetivo proporciona satisfação aos docentes, por outro, é exatamente a dimensão não realizada, negada de afetuosidades, seja com alunos e entre os próprios professores, que abre possibilidades para o surgimento do sofrimento psíquico no cotidiano docente. A observação de PH5 exprime o envolvimento, muitas vezes, desmedido do professor com a própria atividade com consequências à saúde : “Fala, fala, mas depois no fundo dá tudo o que tem (...) e pronto (...) tem *burnout* (...) implode pra dentro” (PH5).
- 41 Hoffmann et al. (2019) observaram a relação ambivalente estabelecida entre prazer-sofrimento, que coexistem no trabalho docente brasileiro e português. Nesse sentido, o trabalho é fonte de prazer quando favorece a valorização e reconhecimento pela tarefa executada e propicia ao trabalhador liberdade de adequar-se à organização do trabalho, conforme seu desejo e necessidades. No entanto, pode passar a ser fonte de sofrimento, na medida em que a relação entre sujeito e trabalho está bloqueada em que há sobrecarga ou subutilização das faculdades intelectuais, psicoafetivas, de aprendizagem e de adaptação, levando ao sofrimento e adoecimentos. Por certo, docentes desenvolvem diferentes estratégias de defesa da saúde como uma forma de amenizar o sofrimento frente às situações e condições de trabalho. Essas estratégias de proteção à saúde, quando formalizadas, possibilitam a mudança da percepção que os trabalhadores possuem da realidade, sobretudo aquelas que podem causar sofrimento.

- 42 Assim, identificam-se também formas de resistência e luta pela conquista da saúde, muitas vezes focadas em estratégias individuais, como uso da criatividade para desenvolver materiais próprios, mobilização dos alunos, trocas de experiências com colegas, enfim, estratégias que vão sendo experimentadas ao longo dos anos de profissão. Tais estratégias, também, foram adotadas durante a pandemia, onde houve a necessidade de muito improviso e adaptação do trabalho com o uso da criatividade, conforme o relato de PH5.

“Então, começamos a fazer os desenhos e começamos a perceber que, através do desenho, podíamos fazer animação e através da animação pôr os bonecos a mexer e pôr os bonecos a falar e quem falava eram eles. Portanto, há aqui digamos um misto do trabalho de expressão dramática com a expressão verbalizada” (PH5)

- 43 Interpreta-se que o *burnout*, embora se caracterize pela dimensão individual de respostas da saúde ao processo de desgaste no trabalho, configura-se como uma síndrome laboral de natureza coletiva, pois se manifesta de modo tangível no adoecimento coletivo, afetando as relações de trabalho. Em acordo com a visão do entrevistado percebe-se que o trabalho docente suscita irrupções na personalidade, por meio da expressão “implode pra dentro”, podendo afetar as relações humanas no trabalho, como o relato de PH4 a respeito de tensões constantes em reuniões entre professores.

“(...) e recebi de volta uma expressão quase agressiva de : Cala-te ! Eu não estou aqui para brincar ! Eu só disse : desculpa, porque eu estava a brincar”.

- 44 Embora tenhamos poucos elementos para qualificar a atitude do relato (acima) de PH4 é válido mencionar que uma das características citadas de *burnout* pelo estudo da FENPROF (2018) é, notadamente, “transtorno de humor, em particular emotividade e irritabilidade e (...) exagero das manifestações emocionais” (p. 17).

- 45 Observa-se que concomitante aos problemas de saúde mental, como o *burnout*, que são prevalentes na categoria, mesmo antes da pandemia, aparecem problemas físicos relacionados com o envelhecimento do corpo docente.

“Uma classe envelhecida, antes da pandemia, que era uma classe frágil para o processo pandêmico, que depois dela, saiu, efetivamente, mais fragilizada e mais envelhecida. Porque a gente para, mas a idade não para. Portanto, neste momento, as pessoas estão ainda com menos condições do que tinham antes da pandemia” (PM2)

“Podemos correr o risco de não ser necessário um professor na sala e um técnico ou um mediador poderá substituir os professores, este é um receio que temos. Até porque a falta de professores é um problema grave, neste momento em Portugal, e em outros países europeus. E tememos que estas soluções possam vir parecer como uma tentativa de substituição dos professores” (PM1)

“Não há professores, há muitas disciplinas hoje já sem professores, quer porque os professores se aposentam, quer porque metem atestados que estão doentes. Então, metem baixa, que estão exauridos (...) as nossas escolas de formação de professores tiveram poucos alunos, muitas delas fecharam até os cursos de formação de professores, que não havia candidatos. Ninguém queria ir pra ser professor” (PM3)

- 46 O cenário de envelhecimento populacional, sem dúvida, consiste em uma realidade do século XXI com efeitos nos diversos processos de trabalho. O estudo de Alves *et al.* (2020) destaca que, na União Europeia, a faixa etária dos 55-64 anos aumentará cerca de 16,2 % (9,9 milhões) entre 2010 e 2030. O processo de envelhecimento exige uma contínua adaptação e esforço por parte do trabalhador. Além disso exige políticas

públicas, considerando que o envelhecimento demográfico se tornou um problema social.

- 47 Convergente com o estudo de Alves et al. (2020) verificou-se uma percepção ambígua a respeito do envelhecimento da categoria na visão dos sindicalistas, pois se por um lado, afirmam aspetos positivos, como se sentirem com mais experiência, por outro lado, queixam-se da redução de suas capacidades físicas, como no excerto que enfoca, especificamente, as dificuldades do trabalho do professor do pré-escolar e do primeiro ciclo.

“(…) é muito para os professores do pré-escolar, e do primeiro ciclo. Pois, a partir dos 60 anos, quem é o professor que pode sentar no chão ? (...) não consegue, não adianta. Embora nós saibamos que há professores melhores e professores que estão em melhores condições físicas e mentais, mas o grosso dos professores não está bem hoje” (PM3)

- 48 Constata-se, portanto, que ao lado do envelhecimento da categoria se segue a diminuição do corpo docente, devido a aposentadorias ou afastamento por motivo de doença. Convém lembrar da necessidade de efetivação de ações políticas que contribuam para o rejuvenescimento e renovação do corpo docente, como o desbloqueio de promoção na carreira, permitindo a merecida aposentadoria de muitos professores e, adicionalmente, o acesso daqueles que se encontram em situação de precarização, tais quais docentes mais jovens que trabalham em regime de contrato temporário em escolas (FENPROF, 2022). Carissimi (2019) afirma que, em Portugal, assiste-se a uma contínua e profunda desvalorização da profissão docente, sob a égide da implementação de políticas de austeridade que produziram reformas importantes, como as mudanças realizadas no estatuto da carreira de professores, principal legislação reguladora das relações de trabalho e carreira dos professores. Nesses termos, são necessárias mudanças estruturais na educação pública, o que torna capital olhar, também, para a própria história.

3.4. Mudanças históricas na educação : democracia e participação política

- 49 No decurso das entrevistas, foi solicitado aos participantes que falassem dos marcos das mudanças no trabalho docente com foco no período pandêmico. Contudo, foi significativo o fato de que todos mencionaram, ao lado das mudanças vivenciadas nos últimos anos em seu processo de trabalho, aquelas mudanças estruturais na educação do país que reverberam, ainda hoje, no trabalho docente e consequentemente na saúde. Trata-se de mudanças de natureza histórica que foram interpretadas como ainda presentes, e não como situadas no passado, no sentido de que geram efeitos persistentes nos modos de as pessoas pensarem e agirem no cotidiano. Hobsbawm (2005) no texto “O presente como história” (p. 143) afirma que o passado é, sempre, parte do presente e que uma experiência individual de vida também consiste em uma experiência coletiva de tempos e gerações precedentes.

“(…) agora o pessoal está muito pessimista. Isso vai ser um bocado regresso ao salazarismo (...) naquela época, dizia que para o povo ser feliz não precisava de ler, nem escrever e nem contar. O Salazar fechou as escolas do magistério primário, no interior (...) qualquer um poderia ser professor. Não havia onde se formar (...) isto era a realidade portuguesa. Após o 25 de Abril, há realmente um forte investimento

na Educação, mas este movimento (...) foi mais um movimento de escola massificada” (PH5)

“E, portanto, tivemos a Troika (...) com grandes restrições, e ministros da educação (...). A década de 2000, começou a decadência da escola e dos professores. Dos professores foram retiradas uma série de horas que os professores tinham e faziam todo o sentido, à medida que a idade avançava os professores tinham que reduzir a sua carga de trabalho na escola. E essas horas iam pra casa (...) para a pessoa preparar as suas aulas com mais tempo, porque a idade avança e tem os seus custos” (PM3)

“(...) a escola que educa para a cidadania terá que ser essa escola, em que o ajuste do referente teórico-ideológico coincida com a prática. Não é celebrar os 50 anos de abril, e colocar um processo disciplinar a uma professora (...) E o medo, e o medo ? 50 anos depois de uma revolução de 25 de Abril, tem o medo : ‘e depois o meu horário como é que fica ? Pior, e depois, vão me pôr a fazer aquilo que eu não gosto ? e depois, como é que vai ser a minha avaliação ?’ (...) e isto faz com que as pessoas sintam que estão na mão do patrão, que é o Estado neste caso, no setor público” (PM2)

- 50 Observa-se que, na visão dos professores, mudanças históricas e de caráter macropolítico em Portugal tiveram graves consequências na educação e nas escolas. O primeiro período mencionado, do ponto de vista cronológico, diz respeito ao “Estado Novo”, ou como nas palavras dos entrevistados ao “salazarismo”, modo genérico de se referir ao regime ditatorial ocorrido entre os anos de 1926 e 1974. Na visão dos entrevistados, foi um período de grande retrocesso na educação pública, com destaque para a desprofissionalização da carreira docente : “qualquer um poderia ser professor” (PH5). Considerado um regime fascista e antidemocrático, o salazarismo praticou uma ditadura militar por meio de ações despóticas, tais como censura à imprensa, polícia política, prisões e partido único. Para Mota (2020), a educação, no salazarismo, tentou “enquadrar” os portugueses, isto é, condicioná-los pela doutrinação política. Houve a destruição da escola republicana e a educação não servia como ascensor social. O ensino era limitado às bases da aprendizagem, era suficiente “ler, escrever e contar” (p. 40). De acordo com o mesmo autor, o salazarismo pode ser considerado um regime de medo. Medo da autoridade, respeito absoluto da hierarquia, medo de falar livremente, tal qual mencionado pela entrevistada PM2, o que significa algo que persiste até o presente. Ademais, no período da ditadura, proibiu-se o direito à greve e os sindicatos passaram a ser controlados pelo governo : “A existência da polícia política e de uma rede de informadores em escala territorial mantiveram tal estado de espírito” (Mota, 2020, p. 38).
- 51 Por outro lado, a Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974, fim do período do Estado Novo, trouxe o revigoramento dos ideais democráticos e a implantação da gestão participativa nas escolas por meio de mudanças na organização escolar e reformas educativas. Importa considerar que o movimento de 25 de abril foi precedido e seguido por intenso processo de luta popular com a participação ativa do movimento sindical operário, docente e de organizações de trabalhadores rurais. De acordo com Dal Ri (2018), a Revolução dos Cravos foi a última revolução europeia a colocar em causa a propriedade privada dos meios de produção.
- 52 Após a Revolução dos Cravos, os liceus entraram em ebulição, como resultado de um processo que vinha se desenvolvendo desde os anos de 1960, e as escolas e universidades transformaram-se em campo politizado. Assim, segundo os entrevistados, a partir de 25 de abril de 1974, as escolas de Portugal não foram dirigidas por diretores, mas por órgãos colegiados com a participação de todos os segmentos da

comunidade acadêmica e dos pais. Estudos como os de Dal Ri (2018) denominam esse período de participação direta de “autogestão” dos estabelecimentos de ensino. No entanto, a partir de 2008, por meio do decreto-lei n. 75/2008, retomam-se os cargos de diretor e subdiretor, que até então eram inexistentes, ocasionando um grande retrocesso na democratização da escola com o predomínio de políticas educacionais de cunho neoliberal.

- 53 Esse cenário se agrava com outro importante marco de mudanças na educação portuguesa mencionado pelos entrevistados que foi a Troika, ocorrida no período de abril de 2011 a maio de 2014. Trata-se de medidas de austeridade, fruto da crise procedente de dívida financeira e que propiciou profundas implicações no investimento e nas despesas públicas. Esse plano de implementação de reformas estruturais esteve sob os cânones de três entidades, a saber : a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional. Marques (2022) assegura que, durante os quatro anos de permanência da Troika em Portugal, foram feitas mudanças na educação a pretexto da crise financeira, não coincidentemente com uma liderança governamental tendencialmente de direita. Segundo a mesma autora, a política educativa, em Portugal, é contaminada por mecanismos políticos e econômicos em um mundo cada vez mais globalizado, onde o local (identidade, território, cultura) reclama o seu espaço e a sua voz.

- 54 Pode-se afirmar que o que permanece nos diferentes contextos macropolíticos em Portugal, mencionados nesta seção consiste, precisamente, na defesa da democracia. Ademais, uma questão citada pelos entrevistados acerca da atividade sindical de modo a se fazer valer, na prática, a democracia é a relação presencial, direta e permanente nas escolas, junto à base dos professores.

“Nós [sindicalistas] somos essencialmente professores, e a minha ideia sempre foi ter que ter um pezinho na escola, para poder compreender depois, e lutar por aquilo que são nossas reivindicações, e as nossas lutas. Porque se nós saímos do contexto, rapidamente esquecemos esse contexto (...) e, portanto, eu fechei pra essa opção, fui sempre desafiada a ficar o tempo inteiro no sindicato, e nunca aceitei. Portanto, mantive sempre uma ligação à escola” (PM3)

- 55 Freire (2005) assevera que a tarefa fundamental dos educadores nos processos de mudanças históricas é a de serem sujeitos e não objetos da transformação, rompendo com a suposta neutralidade política e pedagógica. Esta tarefa exige ação permanente, individual e coletiva, sobre a realidade. Observou-se durante as entrevistas a existência de uma pedagogia sindical que se constitui como processo de transformação e de resistência cotidiana e não de adaptação e jugo.

3.5. A pedagogia sindical da resistência e principais lutas em andamento

- 56 Durante as entrevistas com os sindicalistas, foi possível identificar além das estratégias individuais de resistência, formas coletivas de defesa da saúde adotadas para fazer a pedagogia da luta nos locais de trabalho e nas ruas.

“(...) só que a sala dos professores é um excelente espaço de organização, estamos lá (...) entendermos a sala dos professores, não somente como o espaço coletivo, mas o intervalo, o intervalo entre o momento em que eu fui explorada, desabafei e regressei (...) A sala dos professores foi importante, desapareceu, fez falta para organização sindical, voltou a aparecer é sinônimo de ajuda aos professores” (PM2)

“Tanto que nós temos ações reivindicativas (...) onde nós mostramos o que fazemos com os alunos. Fizemos uma caravana da educação, onde nós parávamos em determinados momentos nas cidades ... nas capitais de distrito, e naquela localidade, os alunos e os professores iam mostrar coisas que faziam na escola” (PM3)

“Nós sempre fomos um sindicato muito combativo, voltado para a ação, pra luta em que a rua é um movimento importante, a rua é uma movimentação de descontentamento e estamos dois anos, digamos, suspensos de fazermos uma coisa que para nós é sempre muito estrutural. Levou-nos um bocado o vigor, a perder a orientação, nunca chegamos a perder a orientação, mas estávamos não quer dizer perdidos, mas estávamos, no caso, desorientados” (PH5)

57 No âmbito dos diálogos acerca das mudanças laborais, os professores entrevistados destacaram modos de resistências e lutas coletivas que evidenciam o exercício de um contrapoder face à dominação e exploração no trabalho. Nesse sentido, sobressaíram nas falas ações sindicais cotidianas que são representadas, tanto por estratégias de matiz tradicional como o uso da sala dos professores enquanto espaço sistemático para a organização sindical, quanto ações criativas que fazem uso da inventividade e da inteligência pedagógica, tal quais as caravanas da educação. Ademais, o sindicalista PH5 reforçou a “rua” como o espaço privilegiado da luta sindical, mas que se tornou impraticável durante a pandemia, devido às medidas de segurança sanitária. Vale dizer, nesse ponto, a importância da pedagogia de rua para os movimentos sociais de caráter crítico e contestatório.

58 Na acepção de Freire (2017), nunca é demais salientar a importância mais ampla de educação, na qual incluem-se processos de aprendizagem fora das instituições educacionais formais, rompendo e confrontando a lógica do capital no âmbito de práticas políticas docentes. Para Freire (2017), é preciso aprofundar a dimensão pedagógica da ação política, pois não se separa o ato pedagógico do ato político. Nessa vertente, a ação pedagógica não se limita à escola e os sindicatos são vistos como educadores e sujeitos coletivos que se contrapõem à dominação presente nas estruturas sociais opressoras.

59 No decurso das entrevistas os professores chamaram atenção para as principais lutas sindicais em andamento, sendo elas: condições de trabalho, baixos salários e sobrecarga das horas de trabalho.

“Nós temos ainda um parque escolar envelhecido. Portanto, é frequente as escolas terem más condições, desde a iluminação à própria circulação do ar. É um país que tem contraste de clima cada vez mais acentuado e as escolas, a maioria, não têm nem aquecimento, nem arrefecimento” (PM1)

“Eu estou a me colocar aqui, enquanto trabalhador de cultura, trabalhador com cultura que deve produzir conhecimento, deve mexer com a cultura. Eu devia poder ter acesso a conferências, a livros, etc, etc, etc, porque isso é que vai fazer com que meus alunos sejam também alunos desse tempo concreto (...) portanto, as más condições de trabalho dos professores, os salários baixos, prejudicam também a qualidade do trabalho” (PH4)

“A questão do tempo é a questão fundamental (...) no centro de tudo, da luta dos trabalhadores, estou a falar dos professores, vai estar a relação clássica entre horário e salário. E nós quando falamos de saúde, temos que falar disto” (PM2)

60 No ponto de vista dos professores sindicalistas, sobressaíram pautas sindicais de caráter universal como a luta contra as condições de trabalho, os baixos salários e a intensificação da jornada de trabalho docente. No entanto, vimos nas análises empreendidas nas categorias temáticas anteriores que um dos motivos da redução da

força de trabalho docente em Portugal é, precisamente, o adoecimento dos professores e o seu afastamento do trabalho devido a doenças profissionais. Daí a necessidade de se construir um programa atento às questões de saúde em sua totalidade. No campo da saúde do trabalhador, entende-se que a saúde consiste na confluência de múltiplos fatores e que, portanto, carece da adoção de políticas públicas integradas como ações de vigilância participativas em saúde nos locais de trabalho com a, efetiva, participação da representação dos trabalhadores (Souza et al., 2022). Merece atenção, ainda, a implementação da política de valorização de professores de modo que as novas gerações sejam atraídas para o exercício profissional.

- 61 No que concerne à luta contra a sobrecarga do tempo laboral, afirma-se que ela se localiza no cerne das resistências dos trabalhadores no mundo contra a exploração capitalista. Para Besancenot e Lowy (2021), historicamente, a redução da jornada de trabalho é a condição fundamental para que floresça o reino da liberdade humana e as bases para a emancipação social. Ademais, registre-se que foi, precisamente, durante a pandemia que o trabalho de professores se tornou mais intenso no que diz respeito às horas de mais-trabalho, em decorrência do uso exacerbado das tecnologias digitais, suscitando formas de adoecimento e mal-estar que levaram o sindicato a desenvolver lutas específicas contra as horas-extras, conforme a fala de PM1 e PM2 : “A questão do tempo é a questão fundamental” (PM2).

“O que houve efetivamente [na pandemia] foi uma sobrecarga de trabalho muito grande (...) o horário de trabalho estendeu-se por todas as horas possíveis numa alienação daquilo que é efetivamente a vida, para além do trabalho. O estar em casa, o trabalhar em casa, juntou-se a todo o trabalho que os professores já faziam (...) e isto provocou um desgaste muito grande” (PM1)

- 62 Observou-se a importância da pauta sindical contra a sobrecarga de trabalho docente, tanto nas entrevistas realizadas quanto nos enunciados dos textos de comunicação com a base da categoria. Trata-se de uma luta atual tensionada no âmago do próprio Estado e que exige a construção de políticas laborais afinadas com o debate a respeito da saúde docente. Com Gramsci (2004), interpreta-se o Estado como espaço de luta de classes e disputa da hegemonia política, por isso os trabalhadores devem se empenhar em conquistá-lo. De acordo com esse pensador, o Estado burguês constitui-se como espaço estratégico da história (Gramsci, 2004, p. 258), já que em seus organismos a classe dominante se concentra e se organiza com o objetivo de manter seus privilégios e se perpetuar no poder. A conquista do Estado se dará pela experiência associativa da classe trabalhadora e em suas instituições públicas deverão se consolidar a democracia política e a vida solidária para substituição dos interesses do mercado ou de sua racionalidade individualista e privatista. Assim, entende-se os sindicatos como sujeitos coletivos essenciais na luta pela democracia no âmbito das instituições públicas. Gramsci (2004) ressalta a concepção segundo a qual “não se muda o Estado com a simplicidade com que se muda de governo” (p. 256). O capitalismo determina uma luta desigual, desfavorável aos trabalhadores. Segundo Antonio Gramsci (2004), torna-se preponderante o trabalho de persuasão permanente e educação recíproca de modo a se construir a democracia dos trabalhadores e se contrapor ao Estado burguês nos modos de gestão e de domínio do patrimônio nacional. Destacam-se, nesse horizonte, a aceção de sindicatos como sujeitos coletivos para se promover mudanças sociais.
- 63 Estanque e Costa (2011) pontuam importantes questões para o sindicalismo português e a saúde, entre elas “Reforçar a vigilância pelos trabalhadores sobre o modo e as condições em que o trabalho é prestado” (p. 172) e “Dinamizar o sindicalismo

eletrônico e dar ao ativismo do “ciberespaço” a sua devida importância, assumindo a necessidade de o sindicalismo dos espaços virtuais constituírem um suporte decisivo para preparar o terreno e complementar os espaços reais da luta sindical” (p.173). Quanto a este último ponto, o sindicalista PH4 afirmou que :

“(...) agora, para resistir, na minha opinião, temos que usar as armas do capitalismo – as redes sociais, a comunicação, que hoje é decisiva (...) e depois, eu não fico só pelo sentido da resistência, eu acho que é importante termos a perspetiva de que vamos evoluir” (PH4)

- 64 De fato, para sair da resistência e ampliar o campo de ação política, Estanque e Costa (2011) afirmam a necessidade categórica de “Intervir não só no espaço nacional, mas fomentar sinergias para que o campo de intervenção sindical se realize cada vez mais em escala internacional (...) que foi como se sabe, um elemento fundador do próprio sindicalismo” (p. 173).
- 65 Ante o cenário apresentado, entende-se que são muitos os desafios atuais do sindicalismo docente português e que o tema da saúde se constitui como ponto capital para se intervir no modo como o trabalho docente está organizado e, portanto, renovar a pauta sindical tradicional, atraindo a categoria para o debate a respeito da vida no trabalho em escolas.
- 66 Nesse sentido, pontuam-se as principais lutas do SPN e da FENPROF, localizadas no website do sindicato (SPN, 2022, p. 2) e que estão, nos parâmetros aqui apresentados, relacionadas ao horizonte de conquistas coletivas da saúde, para além do período pandêmico :
- Garantir salários decentes, o que implica a recomposição da carreira (tempo de serviço e vagas) e o enquadramento dos contratados de forma não discriminatória ;
 - Assegurar condições de trabalho sustentáveis e promover o bem-estar dos professores, respeitando a organização e o limite legal do horário de trabalho e eliminando burocracia ;
 - Garantir o ingresso qualificado na profissão e uma efetiva estabilidade, dando combate à precariedade ;
 - Rejuvenescer a profissão através da recuperação dos que a abandonaram e com medidas que permitam o acesso dos mais antigos à pré-reforma e à aposentação sem penalizações para quem já tiver cumprido 40 anos de serviço, como transição para um regime específico de aposentação ;
 - Garantir o direito a uma formação inicial de qualidade e a um desenvolvimento profissional contínuo ;
 - Reforçar a autoridade profissional e o prestígio social da profissão docente ;
 - Abordar os desafios da igualdade e da diversidade entre os profissionais do ensino ;
 - Garantir maior participação dos docentes nas decisões de natureza pedagógica e, em geral, na gestão das escolas e dos agrupamentos ;
 - Respeitar o exercício da atividade sindical, comprometendo-se com o diálogo social e tornando-o consequente por via do desenvolvimento de processos negociais.

4. Considerações finais

- 67 Neste estudo, constatou-se que mudanças no trabalho docente em Portugal possuem dimensões estruturais e políticas, condizentes com o cenário de precarização do trabalho de nuance neoliberal. No tocante à pandemia, observaram-se exigências sucessivas de adaptações no trabalho e que continuam em cenário pós-pandêmico, tal

como o uso de plataformas digitais na educação que precisam ser analisadas, de forma permanente, pelo prisma da saúde. Assim, afirma-se a assertiva de Laurell e Noriega (1989) de que processos de mudanças e adaptações podem, de fato, se converter em sofrimento e adoecimento quando significam a sobrevivência em situações precárias de trabalho.

- 68 No plano epistemológico, efetuou-se o diálogo entre o referencial teórico crítico, sobretudo da literatura procedente da linhagem do materialismo histórico e os resultados de campo com ênfase na experiência e na prática sindical docente, obtendo-se um panorama, histórico e atual, da pedagogia da luta de professores da educação pública portuguesa.
- 69 Por fim, defende-se a democracia como exigência categórica das relações de trabalho em escolas. Sabe-se que mudanças e adaptações no trabalho são permanentes, entretanto, devem submeter-se a processos de análise crítica coletiva, valorizando-se o diálogo que exige tempo para se pensar o próprio trabalho, contrapondo-se ao mundo acelerado, no qual tudo é volátil e provisório. Portanto, como afirma Freire (2017), a grande luta, através dos tempos, é a de superar os fatores que nos fazem acomodados ou adaptados. “Trata-se da luta pela humanização e pela libertação, ameaçada constantemente pela opressão” (p. 43). Para Freire (2017), adaptação constitui-se em um conceito passivo que se revela no fato de que nós não somos capazes de alterar, sozinhos, a realidade, pelo contrário altera-se a si para adaptar-se. A adaptação dá margem apenas a uma débil ação defensiva. Para defender-se, o máximo que faz é adaptar-se. “Daí que os homens indóceis, com ânimo revolucionário, são chamados de subversivos. De inadaptados” (Freire, 2017, p. 58).
- 70 Reconhece-se que os sindicatos docentes empreendem uma pedagogia criativa e peculiar para a luta política, como visto nas ações de resistência empreendidas pelo SPN, como as chamadas “Caravanas da Educação”. As ações sindicais aqui analisadas se constituem por pautas civilizatórias, como a luta pela redução das horas de trabalho, condição fundamental para que (re)floreça a utopia do trabalho como emancipação humana e social.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, K., Lopes, A., & Pereira, F. (2020). Ser um professor experiente não é sempre uma felicidade : perspectivas de professores sobre o envelhecimento. *Série-Estudos*, 25(55), 279-301. <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i0.14183>
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão : o novo proletário de serviços na era digital*. Boitempo.
- Besancenot, O., & Löwy, M. (2021). *A jornada de trabalho e o “reino da liberdade”*. Editora Unesp.
- Carissimi, A. (2019). Carreira e organização sindical dos professores de educação básica no Brasil e em Portugal. *Revista Chão da Escola*, 16(1), 16-25. <https://doi.org/10.55823/rce.v16i16.122>

- Carvalho, M. (2012). A modalidade de escolha do diretor na escola pública portuguesa. *Revista Lusófona de Educação*, 22, 103-121.
- Dal Ri, N. (2018). Revolução dos cravos, autogestão nas escolas e as reformas neoliberais em Portugal. In L. Tiriba, M. Faria, & H. Novaes (Orgs.), *Cenários da autogestão em Portugal : o processo revolucionário em curso (1974-1975)* (pp. 89-124). Editora Navegando.
- Estanque, E., & Costa, H. (2011). *O sindicalismo português e a nova questão social : crise ou renovação ?* Editora Almedina.
- FENPROF (2018). Federação Nacional dos professores portugueses. Desgaste na profissão docente burnout. *Jornal da FENPROF*, 3-94.
- FENPROF (2022). Federação Nacional dos professores portugueses. Falta de professores Outra vez ! *Jornal da FENPROF*, 310, 07-08.
- Filgueiras, V. (2021). “É tudo novo”, de novo : as narrativas sobre grandes mudanças no mundo do trabalho como ferramenta do capital. *Boitempo*.
- Freire, P. (2017). *Educação como prática de liberdade*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2005). *Educação e mudança*. Paz e Terra.
- Gill, R. (2021). Análise do discurso. In M. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 244-270). Vozes.
- Gramsci, A. (2004). *Escritos políticos*. Civilização brasileira.
- Harvey, D. (2016). *17 contradições e o fim do capitalismo*. Boitempo.
- Hobsbawn, E. (2005). *Sobre história*. Companhia das Letras.
- Hoffmann, C., Zanini, R., Moura, G., & Machado, B. (2019). Prazer e sofrimento no trabalho docente : Brasil e Portugal. *Educação e Pesquisa*, 45, e187263. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945187263>
- Laurell, A., & Noriega, M. (1989). *Processo de produção e saúde : trabalho e desgaste operário*. Hucitec.
- Marques, M. (2022). *E depois da Troika ? A política educativa em Portugal – de 2015 a 2019* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto].
- Marx, K. (2011). *Grundrisse : manuscritos econômicos de 1857-1858 : esboços da crítica da economia política*. Boitempo.
- Meira, M. (2019). A difícil relação entre burocracia eletrônica e Democracia na administração educativa em Portugal. *Educação & Sociedade*, 40, e0206742. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019206742>
- Mota, C. (2020). A Educação Portuguesa durante o Estado Novo (1933-1974) : uma visão de síntese. *Saberes Interdisciplinares*, 13(25), 33-48. <https://doi.org/10.2021/saberesinterdisciplinares.v13i25.340>
- Nóvoa, A. (2020). A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. *Revista Com Censo : Estudos Educacionais do Distrito Federal*, 7(3), 8-12.
- Pereira, C. (2009). *Ciberadministração Educacional e Identidade Docente : dinâmicas de poder e lógicas de sobrevivência* [Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho].
- Sennet, R. (2012). *O artifício*. Record.

Souza, K., Santos, G., Rodrigues, A., Felix, E., & Gomes, L. (2022). Diários de professores(as) na pandemia : registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 26, e210318. <https://doi.org/10.1590/interface.21031>

SPN Informação (2022), n. 85. “Respeito : Precariedade, não ! Carreira recomposta, salários atualizados, Horários legais, Aposentação justa”. Disponível em <https://www.spn.pt/Artigo/spn-informacao-n-o-85-jan-out-2022>.

Unesco (2024). Site do escritório para América Latina e o Caribe. *Educação e Tecnologias digitais*. https://siteal.iiep.unesco.org/pt/eje/educacion_y_tic

Veloso, L., Rufino, I., & Craveiro, D. (2012). Regulação de procedimentos na escola pública : entre o centralismo formal e a apropriação informal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 68, 127-146. <https://doi.org/10.7458/SPP201268696>

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa : um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.

RESUMOS

O objetivo principal deste estudo consiste em analisar mudanças ocorridas no trabalho e na saúde de professores da educação básica em Portugal, bem como novas formas de defesa coletiva da saúde, com foco no período de pandemia e pós-pandemia, apresentando o ponto de vista de professores em exercício de direção sindical. Para tal, realizou-se uma pesquisa social de natureza qualitativa que adotou como principal estratégia de investigação entrevistas individuais com docentes pertencentes a um sindicato. Optou-se por entrevistar cinco docentes da direção sindical do distrito do Porto. Foram identificadas quatro categorias de análise interpretadas por meio da técnica de análise do discurso. Concluiu-se que apesar das muitas mudanças enfrentadas pelos professores ao longo dos anos, sindicatos docentes empreendem lutas com o uso de uma pedagogia política criativa, constituída por pautas civilizatórias com vistas à emancipação social e humana, o que contribuiu, fortemente, para produção de saúde em perspectiva coletiva.

El objetivo principal de este estudio es analizar los cambios en el trabajo y la salud de los docentes de educación básica en Portugal, así como nuevas formas de defensa colectiva de la salud, enfocándose en el período pandémico y pospandémico desde el punto de vista de docentes en cargos sindicales. Se realizó una investigación cualitativa mediante entrevistas individuales a docentes de un sindicato. Participaron cinco docentes de la dirección sindical del distrito de Oporto. Se identificaron cuatro categorías de análisis interpretadas con técnicas de análisis del discurso. Se concluyó que, pese a los desafíos históricos enfrentados por los docentes, los sindicatos emplean luchas basadas en una pedagogía política creativa, sustentada en agendas civilizatorias orientadas a la emancipación social y humana. Esto ha contribuido significativamente a la producción de salud desde una perspectiva colectiva.

L'objectif principal de cette étude a été d'analyser les changements qui ont marqué le travail et la santé des enseignants de l'éducation de base au Portugal, et de situer les nouvelles formes de protection collective de la santé, en se concentrant sur la période pandémique et post-pandémique. L'étude adopte le point de vue d'enseignants occupant des fonctions syndicales. Une recherche qualitative a été menée via des entretiens individuels avec cinq responsables syndicaux du district de Porto. Quatre catégories d'analyse ont été identifiées à l'aide de techniques d'analyse de discours. Les résultats montrent que, malgré les défis persistants, les syndicats enseignants mobilisent une pédagogie politique créative, articulée sur des agendas à

caractère civilisationnel visant l'émancipation sociale et humaine. Cette démarche a largement contribué à donner une perspective collective à la production de la santé.

The main objective of this study is to analyze changes in the work and health of basic education teachers in Portugal, as well as new forms of collective health advocacy, focusing on the pandemic and post-pandemic period, from the point of view of teachers in union leadership roles. To this end, a qualitative social research study was conducted, employing individual interviews as the primary investigative strategy with teachers belonging to the teachers' union. Five union leaders from the Porto district were interviewed. Four analytical categories were identified and interpreted using discourse analysis techniques. The study concluded that in spite of the numerous challenges faced by teachers over the years, teacher unions engage in campaigns through creative political pedagogy, grounded in civilizing agendas aimed at social and human emancipation. This approach has significantly contributed to the production of health from a collective perspective.

ÍNDICE

Mots-clés: travail enseignant, santé des enseignants, écoles, syndicats, pandémie

Palavras-chave: trabalho docente, saúde de professores, escolas, sindicatos, pandemia

Palabras claves: trabajo docente, salud de los docentes, escuelas, sindicatos, pandemia

Keywords: teaching work, teachers' health, schools, unions, pandemic

AUTORES

KATIA REIS DE SOUZA

<https://orcid.org/0000-0002-2084-2606>, Pesquisadora Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Rua Leopoldo Bulhões, nº 1480, Manguinhos, 21041-210, Rio de Janeiro, Brasil. katia.reis@fiocruz.br

MARTA SANTOS

<https://orcid.org/0000-0003-1132-1814>, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto ; Centro de Psicologia da Universidade do Porto. Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal. marta@fpce.up.pt